

Textos poéticos de Adino Bandeira*

Agosto de 2007

Estado de Ser

Saber-se vivo. Despertar o olhar da mais rica beleza. Sentir a harmonia que emana do espírito como uma dança tão divina e suave que é toda sentir apenas. O estado íntimo da paz em ser infinito dentro e fora de si. Uma rosácea de lágrimas felizes brotando na face serena de quem se ama. Amor infinito. Delicadezas por sons naturais expressas em cores de brumas campestres à hora mais linda do dia. Expressão de leve graça na perfeita ordem de um mundo feito todo pétalas. Perceber o brando mar de luz primaveril enlevando perfumes em ondas e aromas de quintessência. Sorrir a plenitude mansa de seguir em calma corrente o rio das horas. Diáfana maneira de ser. Maneira difusa de estar. E saber-se.

A Hora do Despertar*Hora solene das idéias santas (Álvares de Azevedo)*

O Sol que agora doura o céu amareado clareou vida a toda forma de existência. Cumpru seu dever sem dizer palavra. Respeita este silêncio minha morada, silvando apenas o vento pelas beiradas. Ao longe, canoros agradecem à rubra cabeleira, cantado-lhe a harmonia das horas em que o mundo incendeia. Por um segundo incandescente, enxerga minh'alma o infinito da estrada no horizonte. É lá, mais momento que lugar, lá onde se encontram firmeza de céu e chão, onde dia e noite se fazem enamorados, onde o círculo da vida, em cor escarlate, ganha contornos de fim-de-tarde, e onde toda terra se consome em brasas – com homens, mulheres, crianças e casas – quando intuo nossa finalidade. Despertar de um sono profundo por um fogo que arde. A dor é o professor da disciplina... Realidade.

Ainda Fantástica

Existia uma pedra de natureza tão inconstante que hora espargia luzes de brilho diamante, hora se fazia opaca e sem vida radiante. Mineral de estados tão diversa e facilmente modificados, intrigava hierofantes das mais variadas linhagens das ciências ocultas que lhe queriam saber o porquê de ser assim. Um destes adeptos, iniciado que era na linguagem secreta dos seres pétreos preciosos, iniciou o que parecia ser frutífero diálogo em momento de irradiações maravilhosas da então cristalina matéria. Sentindo a sinergia maviosa dos estranhos mundos que ali se enredavam, o mago pensou haver descoberto sua pedra filosofal pessoal. A pedra que faria dele próprio e dali pra frente ouro do mais puro e reluzente. E quando pensou saber de tudo, percebeu que por tudo é possível se enganar. Pois a matéria viva emudeceu e tornou-se bruta novamente. Com ele não mais pensou. O peregrino tentou persuadir a empedernida criatura, mas a linda luz distanciava obscura. Sem entender a misteriosa transmutação, resolveu esperar paciente um outro inconstante instante místico de projeção iridescente. Aguarda até hoje em recordação de tão inesperado encontro, na augusta esperança de fazer ser tudo que poderia ter sido e não foi ainda. Porque ainda é tempo de realizar, e sempre é tempo de continuar.

O Canto de um Rio em sua Vida

Há dias ouvia o canto de um rio em sua vida. Tanto que resolveu consultar o mar, pai e mãe donde vêm e pronde vão todas as águas. Perguntou-lhe do rio cantante e do que trazia. "Alegrias e tristezas, mas felicidade ao fim do dia". Enigmático, enfiou os pés na areia onde onda se bronzeia, molhou-se até quando não mais podia e correu idéias

por toda praia que se fez imaginar. Lavou-se em essência e seguiu tranqüilo, sereno como o fim da tarde.

A Árvore Que Dá Oliva

Em ir na oliveira pensou diversas vezes. Chamou-lhe atenção o porte e a elegância dos movimentos embalados por existências muitas de desconhecidas vivências interiores. Fez com que lembrasse o mar, apesar de por mistérios outros. Mesmo bela, não era a mais bonita. Outras tantas, entretanto, não figuravam como aquela. Uma áurea de indizível alguma coisa avivava suas linhas. Por vezes, imaginou-se brincando em suas folhas, confessando-lhe pensamentos que um dia ousara respirar. Mas a tinha apenas em instantes olhares, de passagem. Queria lhe chegar e não podia. Compromissos outros dos quais até se desfaria, se soubesse. Mas ele conhece bem aquele tipo de árvore que dá oliva. Sabe que refresca e colore à sua volta. É esta certeza que o impele a, ainda um dia, sob doce sombra, realizar o desejo de lhe sentir a singularidade do fruto.

Maio de 2007

O eterno passageiro

Não faz três dias, a vida me levou a vasculhar lembranças na gaveta de minhas memórias. Procurava uma fotografia que tivesse chance num concurso nacional com tema: esporte e lazer no combate às drogas. Nunca fui amante dos esportes. Com as drogas tive um caso do qual falei em casamento, mas me amiguei do bom senso e rompi com relação tão amarga e infrutífera. Queimei os poucos registros dessa mancha em meu caminho, desfazendo simbolicamente qualquer possibilidade de ceder às paixões impostas pela carne. Restaram-me os momentos de lazer, dos quais tenho guardadas boas recordações.

Sentado na cama, repassei cenas da película de meu passado e, como quando se revê a um filme, reparei em detalhes do tipo que ganham relevo apenas ao olhar atento da segunda leitura. Lembrei de amigos e conversas que tive. O primeiro violão e a primeira namorada. Cada imagem que meus olhos refletiam, lançava-me em rios outrora navegados. Mas eu já não era mais o mesmo homem. Dotado de novos recursos trazidos na bagagem sempre enriquecida da experiência, esbocei quadros até então inexistentes no quebra-cabeça da minha compreensão a respeito do ser transitório que sou e que somos.

Os longos cabelos que deixaram de esvoaçar em minha face, foram cortados pela tesoura do desejo oposto ao que um dia cuidou por anos para que crescessem. O amor que senti pela menina de olhos claros e acreditei sinceramente não ter fim e ser maior do que eu, feneceu também por desejo meu. O aparelho de som pelo qual tanto festejei está hoje abandonado, entregue ao tempo que se compraz em devorar seus filhos. Roupas que me identificavam nada mais dizem sobre mim. A motocicleta dos meus sonhos, realizada, vendi a fim de concretizar novos horizontes.

Semelhantes sei que são os homens, e acredito que qualquer deles é capaz de se reconhecer nestas linhas. – Vivemos num mar de efemeridades – como disse um amigo escritor. Mas, será tudo tão fugaz. Existirá em nós algo permanente? Acredito que sim. E mesmo que esteja errado, prefiro buscar esta dimensão maior de mim mesmo do que viver a procurar satisfação em oásis mirados em delírios no deserto da ignorância. Para além dos fenômenos, desejo aquilo que nem as traças corrompem e nem a ferrugem destrói. Pois as cores de meus instantes eternizados em papel já começam a desbotar dentro da gaveta de minhas memórias. Sei ao menos que lá não encontrarei aquilo que procuro.

Verdejar de Certezas

Minha fronte lampeja boas venturas na selva vasta à qual aponta a flecha vida. Sou todo sorte e agudas esperanças de ser mais a cada instante do que fui nenhum segundo. Arrevoa a natureza norteando meu destino nas veredas de mata virgem das futuras circunstâncias. Verdejam minhas certezas ao renascerem antigos sonhos. Vejo de mim e observo surgirem espontâneos novos gestos que realizo em ritmo impensado. Colinas ao longe revelam vales vivamente exuberantes e lindas fontes de regalos intermináveis. Nelas minha sede há de findar. Naqueles recantos hei de me encontrar. Vivo, refeito e satisfeito por viver então e por completo o lampejo que percebo agora em minha frente aflorar.

Detalhe

Hoje, pequenas rosas nasceram em meu jardim. São tão belas que por elas peço ao Sol suaves regatos repletos de luz. Ponho o dedo na terra e pelo tato indicador percebo seus berços macios. Observo a umidade. Quando preciso, deito-lhes suave um fluído manto de vida cristalina. Ontem botões, hoje formosas damas vestidas de Graça por inteiro (para todos além daquele que tem sido seu fiel jardineiro). Eclodiram de seus verdes casulos e, no compasso da Natureza, dançaram horas a ciranda das cores, desabrochando olhares e servindo tal simples beleza que nem a mais pura realeza pôde a elas comparar-se. Aos que ainda perguntarem donde essa grandeza, respondo: - É a mesma de Deus, amigo. É a grandeza do detalhe.

Amigo dos Pássaros

Nasceu dum pé de caju em casa de interior. Um sítio, melhor dizendo. Corria feito pitomba de casca forte, solta de muitas alturas. Atravessava porteiros e desbravava cancelas como ágil felino mateiro. Amigo dos pássaros, conversava-os todos os dias. O verde lhe fazia bem, mas era no azul que se firmava. Cantava a vida e por onde ele passava a vida lhe encantava como a um jovem apaixonado. Conhecia a porta para entrar em outros mundos, mas gostava desse de água, de sol e de amor. Aqui viveu e vivendo ele cresceu e se fez e se aproveitou até que um dia a história acabou. Sempre acaba. Se podendo nascer de novo.

Tal Magia

Quem me procurar um dia saiba que posso não estar. A vontade de ir pode chegar e por venturas posso deixar-me subir aos ares para pousar onde um vento suave quede amigo. Acaso seja o caso, posso dar-me asas ao estalo simples do dedo que faz o destino com o dedo polegar. Podem vir, mas saibam que talvez não encontrem minhas cores. Mesmo que procurando toquem um sólido que comigo se pareça, o que em mim doa e agradece é algo que ligeiro desvanece. Acontecendo tal magia aguardem a noite de beleza nova e depois mais um pouco, até a manhã do mundo. Só aí poderão me achar chegando, partindo de um raio-luz da estrela dia.

***Adino Bandeira** é aluno dos Cursos de Filosofia e Comunicação Social (Jornalismo) da UFPB.